



ARTIGO

IMIGRAÇÃO ITALIANA EM ALFREDO CHAVES: UMA ABORDAGEM CULTURAL

Gabriel Pietralonga Marion

Graduado em Licenciatura em História pelo Centro Universitário São Camilo – Cachoeiro de Itapemirim (ES). Especialista em Historiografia Brasileira pela FAVENI – Faculdade de Venda Nova do Imigrante (ES). Mestrando em História Social das Relações Políticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Bolsista CAPES.

Resumo

Este trabalho tem por objetivo apresentar alguns aspectos culturais legados pelos imigrantes italianos na cidade de Alfredo Chaves – Espírito Santo, onde os habitantes são, em sua maioria, descendentes de italianos. Para alcançar esses fins, as características culturais dos imigrantes foram pesquisadas em livros e artigos. Também foram realizadas entrevistas com descendentes de imigrantes, com o objetivo de identificar se entrevistados preservam os elementos levantados anteriormente. A influência cultural italiana pode ser vista no dia a dia dos moradores da cidade, em suas tradições, costumes, hábitos, como na culinária, na religiosidade, no lazer, no modo de se comportar e de ver o mundo e nas festividades.

Palavras-chave: Cultura, Imigrantes, Italianos, Alfredo Chaves.

Abstract

This paper aims to present some cultural aspects left by Italian immigrants in the city of Alfredo Chaves - Espírito Santo, where the inhabitants are, for the most part, descendants of Italians. To achieve this goal, the cultural characteristics of immigrants were researched in books and articles. Interviews were also performed with descendants of immigrants, with the aim of identifying if the interviewed people preserve the elements previously researched. The Italian cultural influence can be seen in the daily lives of city residents, in their traditions, customs, habits, such as culinary, religiosity, leisure, the way they behave and see the world and their festivities.

Keywords: Culture, Immigrants, Italians, Alfredo Chaves.

Introdução

Durante o século XIX, o Brasil recebeu uma grande leva de imigrantes de várias nacionalidades, como italianos, alemães, portugueses, luxemburgueses, holandeses, sírios, libaneses, entre outros. Em sua maioria, fugiam de situações precárias nas quais viviam em seus países de origem, em busca de melhores condições de vida e do objetivo de “fazer a América”, estimulados pelas propagandas e pela posse de terras que receberiam do governo brasileiro.

O caso italiano é o mais ilustrativo dessa situação difícil. O processo de unificação do Estado Nacional, conhecido como *Risorgimento*, ocorrido na segunda metade do século XIX, somado a outros fatores, ocasionou a desestruturação da sociedade camponesa italiana, fazendo com que seus cidadãos não tivessem outra opção a não ser emigrar, ato que muitas vezes era sinônimo de sobrevivência.

Os imigrantes se estabeleceram em vários estados do Brasil, como o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Espírito Santo. A maior parte dos

imigrantes que se destinaram ao Espírito Santo era de origem italiana, de tal forma que 25% da população do estado, no final do século XIX, era composta por imigrantes, especialmente italianos (COMINOTTI, 2015, p.19).

Os imigrantes italianos fundaram várias comunidades no Espírito Santo, que hoje são pequenas cidades, como o município de Alfredo Chaves, foco deste trabalho. Carregando um imenso capital cultural, os imigrantes legaram para as gerações posteriores vários hábitos, costumes e tradições que ainda hoje norteiam a vida dos seus descendentes.

Partindo do pressuposto de que a cultura é o bem maior de um povo, o objetivo deste trabalho é identificar quais aspectos culturais dos imigrantes italianos ainda vivem na população de Alfredo Chaves no século XXI. A importância dessa pesquisa é enaltecer e preservar a memória e a cultura dos imigrantes que exercem grande influência na personalidade das pessoas do município, atuando de forma

intrínseca, formando estruturalmente a identidade desses indivíduos.

O trabalho tem como base uma pesquisa bibliográfica, na qual buscou-se identificar os aspectos que compõem a identidade cultural dos imigrantes italianos. Foram utilizadas bibliografias como José Schayder (2002), Emilio Souza (2014), Amílcar Gasparini (2005), Orestes Bissoli (2003), Antonia Colbari (1997), Edenize Peres (2011, 2014), entre outros.

Em seguida, foi feita uma pesquisa de campo, de natureza básica, descritiva e quantitativa, com os moradores do município de Alfredo Chaves. Optou-se pela utilização de um questionário, que objetiva descrever quais características da identidade cultural italiana a população desta região ainda mantém. Para a seleção dos entrevistados, foi usado o critério de descendência dos imigrantes italianos.

Os aspectos culturais pesquisados foram divididos em seis tópicos: trabalho; modo de ser; religiosidade; lazer; culinária; uso de expressões e dialetos. Os exemplos de cada um serão citados nos parágrafos subsequentes.

Os imigrantes

A grande maioria dos italianos que veio para o Brasil era composta por agricultores. Assim, seu trabalho se define basicamente pelo trato do campo. Segundo Seyferth (2000, p.147), a imigração era um empreendimento baseado na pequena propriedade familiar, da qual os italianos tiravam seu sustento. As comunidades eram tipicamente rurais, tendo sua economia fundamentada na agricultura. “A produção cafeeira e a pecuária leiteira constituem as principais atividades econômicas dessas localidades (NICOLI, 2016)”. Percebe-se a natureza do dia a dia do trabalho segundo o relato do imigrante italiano Orestes Bissoli (2005, p.44), publicado em sua autobiografia:

O nosso modo de trabalhar não era de gente. Trabalhávamos feito burros, dia e noite, que fizesse sol

ou chovesse. Nunca houve dia em que dissesse: hoje não tenho o que fazer. Nem mesmo horas, pedaços de dia que fossem. O descanso da noite era pouco, pois dormia-se tarde e levantava-se cedo. [...] Era trabalhar com ardor, com força, como quem trabalha a empreitada, com pressa de findar um serviço pois havia outro adiante.

Diante de um cenário de total despreparo e abandono por parte das instituições governamentais, os imigrantes precisavam aprender um novo modo de vida e se adaptar a uma nova realidade por conta própria, enfrentando todas as dificuldades que esse árduo processo requeria. Pouco tinham, e era necessário muito trabalho para conquistar a subsistência.

O trabalho era árduo, iniciado desde a madrugada e se estendendo até o pôr-do-sol. Plantavam café, milho, feijão, e para manter a família eram obrigados a trabalhar em outras propriedades até o início da produção dos cafezais. Quando o cafezal estava formado, as atividades aumentavam e a família toda, inclusive mulheres e filhos, era mobilizada. As mulheres ajudavam na roça e assumiam as funções da casa, que incluíam a formação de hortas e a criação de galinhas (COLBARI, 1997).

O modo de ser do italiano pode ser bem ilustrado pelos testemunhos contidos no livro de Amílcar Gasparini (2003), que relatam a trajetória de um grupo de 300 imigrantes que em 1886 desembarcou no porto de Benevente, atual Anchieta, e em seguida tomou diferentes caminhos, uns rumando pelas matas em direção a Alfredo Chaves e outros para Cachoeiro de Itapemirim.

Esses indivíduos caminhavam pelas matas e acampavam às noites, pescando e assando peixes regados à vinho, oportunidade que não deixavam passar: faziam um festim, gesticulando e falando em altos brados, o que era próprio deles, e como todo bom italiano que se preze, imprecisões e blasfêmias corriam soltamente (GASPARINI, 2003, p.27). Nas páginas

seguintes, seguem relatos dos trejeitos italianos: “As imprecações e blasfêmias eram uma constante na boca dos italianos, que quando se animavam com uma boa perspectiva, faziam uma enorme algazarra (GASPARINI, 2003, p.29)”.

O “modo de ser italiano” também é destacado por Orestes Bissoli em suas memórias: “Os italianos tinham o vício da *bestemmia* (blasfêmia): era uma maneira peculiar do italiano de invocar o nome de Deus ou da Virgem de modo irreverente ou vulgar, em momentos de irritação (2005, p.27)”. Quando se reuniam, “[...] era maior a troca de impressões entre os italianos, que, como de costume, gesticulavam e falavam alto (GASPARINI, 2003, p.38)”. Tendo algo a conversar, alguns pequenos grupos se formavam, onde, pela gesticulação, que era um traço comum entre eles, percebia-se que haviam iniciado uma calorosa discussão (GASPARINI, 2003, p.59). O relato continua: “Como não poderia deixar de ser e que era comum entre eles, altas vozes, em chamamento a determinadas pessoas eram proferidas, o que ocasionava um constante alvoroço (GASPARINI, 2003, p.30)”. O jeito de ser do italiano fica claro também no trecho em que é testemunhada a organização para todos dormirem num barracão:

Mais uma vez, aquele corre-corre desordenado, tomou conta de todos, uns querendo passar à frente dos outros, na procura de melhor lugar e então, as crianças, livres dos controles maternos, provocavam ensurdecadora algazarra. Era um pandemônio, que bem espelhava a índole italiana (GASPARINI, 2003, p.39).

Os imigrantes italianos eram muito religiosos. Sua fé católica era a base de suas tradições. Construíam capelas aonde quer que se instalassem, e era ela o centro da comunidade, como por exemplo a igreja de Sagrada Família, hoje distrito de Alfredo Chaves. Todo o povoado se estruturava em torno da igreja, sendo o padre uma figura central, exercendo autoridade moral sobre os habitantes, trazendo notícias

do mundo exterior e transmitindo técnicas e ensinamentos úteis à população (COLBARI, 1997).

Quando não tinham condições de construir uma igreja, se reuniam aos domingos em alguma casa, para uma celebração. Muitos rezavam o terço toda noite, em casa, após o trabalho (PERES, 2014, p.65-66). Essas práticas religiosas estimulavam a convivência social, reforçando a coesão do grupo em um ambiente hostil e desconhecido, fortalecendo a integração moral da comunidade (COLBARI, 1997).

Toda a vida era voltada para a religião. Orestes Bissoli (2005), em suas memórias, testemunha que “[...] os domingos e dias santos respeitavam-se o melhor possível. Não se perdia uma missa e, não havendo missa, assistia-se à reza de costume, ao santo rosário ou aos cânticos sagrados, às Vésperas, salmos e hinos sagrados (p.44)”. Seu neto, Daniel Bissoli, relata que “[...] fiéis à tradição cristã, à noite rezávamos o terço. Depois papai lia a vida do santo do dia. Como bons cristãos, nunca perdíamos uma missa” (BISSOLI, 2005, p.124-125).

Durante as festas em homenagens aos santos havia a missa e, na sequência, a procissão, na qual a pessoas entoavam, em italiano e à capela, os hinos que estavam acostumados a cantar (GASPARINI, 2003, p.111). Os imigrantes também tinham o hábito de manter imagens e quadros de santos nas paredes das casas, como um meio de manter uma relação íntima na sua religiosidade.

Nas festas religiosas, após a missa e a procissão, os imigrantes costumavam se reunir e festejar juntos, se divertindo.

[...] o jogo da mora era o divertimento predileto, onde a cada instante se ouvia ‘due, due, ter, ter, tuttala mano’, sempre seguido de uma algazarra, quando havia um vencedor. Era uma brincadeira simples e ingênua, mas que para eles se traduzia em algo de grato deleite (GASPARINI, 2003, p.70).

Além da mora, os imigrantes costumavam jogar o “boccie” – chamado de bocha atualmente. Cons-

truíam o campo, onde pudessem jogar o bolim. Além disso, havia ainda os jogos de baralho como o triunfo e o três sete, e o jogo da bola de pau (GASPARINI, 2003, p.112). Sempre contava com torcida das crianças.

A culinária italiana é um dos aspectos culturais mais marcantes dos imigrantes e mais facilmente identificável. Os hábitos alimentares mais típicos dos imigrantes italianos consistiam na polenta, no macarrão, o queijo, a linguiça de porco, o vinho, etc. “A polenta tornou-se um produto emblemático, porquanto presente nas três principais refeições do dia: matinal, almoço e jantar. O macarrão normalmente compunha o almoço de domingo” (CELIN, 2019, p.65). Em sua autobiografia, Bissoli (2005) relembra uma rápida refeição num dia em que procurava emprego, ainda na Itália: “Na segunda-feira cedo, tomei uma talhada de polenta [...] No caminho, comi toda a polenta com a uva que tirava dos campos” (BISSOLI, 2005, p.16). Também se recorda de outra forma que costumavam consumir a polenta, misturando-a com leite (BISSOLI, 2005, p.43).

Os italianos possuíam uma rotina alimentar bem particular. O trecho a seguir expõe uma noite de jantar de uma família de imigrantes:

Foi para a cozinha e rapidamente cortou vários pedaços de linguiça, que pôs a fritar, depois, pegou a tábua de polenta, um queijo verde, colocou-os sobre a grande mesa e completando, a frigideira fumegante com linguiça frita. Diante do cheiro que exalava, ninguém precisou ser chamado para o frugal repasto, todos, calmamente aproximaram-se e cada um pegou seu prato de ágate, nele depositando um grande pedaço de polenta, cortado com uma linha, costume tradicional, depois o queijo e a linguiça. Prontamente puseram-se a comer, ora com uma espécie de colher, feita de bambu, ora com o auxílio dos dedos. Andréa levantou-se indo até o canto da cozinha e de lá, voltou com uma botija quase cheia de vinho. Este fora servido em pequenas cuias e servido em grandes goles (GASPARINI, 2003, p.210).

Entrevistas e resultados

As entrevistas realizadas com os descendentes de imigrantes permitiram perceber a permanência da cultura italiana em Alfredo Chaves. O município concentra através da transmissão de geração em geração de hábitos, costumes e os demais elementos pesquisados que moldam a identidade dessa parcela da população, formada majoritariamente por descendentes dos imigrantes.

Os entrevistados foram escolhidos por apresentarem – mediante as observações dos pesquisadores – os aspectos culturais selecionados neste trabalho. O entrevistado 1 é um homem de 50 anos, bisneto de italianos, que manifesta bastante influência cultural em sua religiosidade e modo de ser, assim como o entrevistado 4, mulher de 76 anos, neta de italianos, e o entrevistado 5, de 79 anos, bisneto de imigrantes. O entrevistado 2 é uma mulher de 40 anos, tataraneta dos imigrantes, bastante informada sobre o assunto da pesquisa, através de estudos e de intercâmbio cultural na Itália. O entrevistado 3 é um homem de 44 anos, bisneto de italianos, que se empenha em manter a cultura italiana através da banda de música, na qual é o vocalista, além de larga participação na organização da festa da imigração de Alfredo Chaves. O entrevistado 6 é um neto de imigrantes de 52 anos, apaixonado pela cultura italiana, à qual busca sempre exaltar através, principalmente, da organização da *FestItalia*¹ e da música. O entrevistado 7 é tataraneto de imigrantes, com 41 anos, e apresenta influência cultural de forma mais marcante no trabalho e religiosidade. O entrevistado 8 é uma mulher de 51 anos, bisneta de imigrantes, que revela a influência cultural italiana na religiosidade e na participação na *FestItalia*, da mesma forma que o entrevistado 9, também bisneto de italianos, de 52 anos. É importante ressaltar que as informações aqui expostas tratam das influências culturais mais marcantes em cada

¹ A *FestItalia* é uma festa organizada pela Associação Avêneta, com o objetivo de celebrar a cultura italiana no município de Alfredo Chaves.

um dos entrevistados, aquilo que os destacam e que chamou a atenção do pesquisador. Porém, cada um deles possui vários outros elementos examinados por este trabalho, que serão discutidos a seguir.

No quesito “trabalho”, os entrevistados 1, 4, 5, 7 e 8 recebem influência de seus antepassados ao trabalharem no campo, na pequena propriedade familiar, dormindo e acordando cedo; o entrevistado 6, de 52 anos, por sua vez, pratica a atividade de ferreiro, que era a profissão exercida por seu avô italiano, o qual passou o conhecimento e prática para as gerações posteriores. Também participam do tradicional mutirão – ou ajuntamento, como é chamado por alguns –, que é uma ajuda grupal a alguém que não tem condições de exercer algum trabalho ou atividade por conta de alguma enfermidade ou algo do tipo. Segundo o relato dos entrevistados, este é um dos costumes de que mais se orgulham, por se tratar de uma maneira de ajudar o próximo. O entrevistado 7, a esse respeito, disse que:

A gente tem o mutirão aqui na comunidade, ou na comunidade vizinha, quando alguém fica doente ou se acidenta, ou qualquer problema que impeça ele de trabalhar. Então a comunidade costuma fazer esse mutirão pra ajudar na lavoura, no que for preciso [...] É um trabalho muito bonito que a gente não pode deixar perder não, [...] porque é um pouquinho de cada um que vale muito pra pessoa que tá sendo ajudada.

O modo de ser é uma das características italianas mais marcantes e notáveis nos entrevistados. A maioria afirmou que durante uma conversa, assim como seus antepassados, tem o costume de gesticular e falar em alta voz, assim como também fazer um certo tumulto – ou algazarra, no dizer de Gasparini (2003) – perante alguma situação animadora. O entrevistado 2 relatou que, quando fazem uma reunião de amigos, “[...] o povo na rua acha que a gente está fazendo uma confusão aqui dentro de casa, é todo mundo falando junto ao mesmo tempo, tudo misturado”.

Outro aspecto que condiz com o jeito de ser dos imigrantes italianos é o hábito de fazer festas para confraternizar e comemorar algum acontecimento, reunindo a família e/ou a comunidade para um almoço, principalmente aos domingos, o que foi relatado por todos os entrevistados.

O aspecto cultural mais marcante dos italianos que vieram ao Brasil talvez seja a religiosidade. Nas entrevistas, a maioria das pessoas demonstrou preservar o hábito de rezar o terço, se não todas as noites – como o fazem os entrevistados 1, 3, 4, 5 e 6 –, ao menos em momentos de tristeza. A maioria relatou que é costumeiro se reunir na casa de amigos para realizar pequenas celebrações.

Os entrevistados atestaram também que respeitam domingos e festas, além de possuírem o costume de ir à missa em todos os domingos e participar de festas em homenagens a santos. Similarmente, possuem a prática de cantar hinos religiosos à capela durante as procissões, assim como manter imagens e quadros de santos nas paredes das casas. Durante o dia, eles têm o hábito de entrar na igreja e se pôr a rezar, da mesma forma como faziam os imigrantes há mais de um século.

Quanto às atividades de lazer legadas pelos seus antepassados, os entrevistados 1, 5, 6 e 7 afirmaram gostar de jogar baralho; 1, 6 e 7 costumam jogar a mora; 1, 3, 5, 6, 8 e 9 praticam o “boccie”, a chamada bola de massa ou bocha. Tais atividades compõem uma parte relevante do capital cultural italiano, pois são jogos que as pessoas de hoje em dia aprenderam com os mais velhos de sua família e continuam a ser praticados atualmente.

Outro legado cultural de primordial importância é a culinária, com pratos que são transmitidos de geração em geração, fazendo parte do cotidiano dos descendentes de italianos. São alimentos que não podem faltar na mesa, principalmente em dias em que se reúne a família e a comunidade. Todos os entrevistados consomem os alimentos que foram pesquisados neste trabalho; são eles: o macarrão, a polenta, o frango – principalmente na forma de enso-

pado –, o queijo, a linguiça frita, a minestra e o vinho. O entrevistado 6 relatou que ainda pratica o hábito de cortar a polenta com um barbante, no objetivo de preservar o costume de sua mãe; também costuma utilizar pratos de **ágate** (esmalte), para lembrar a tradição da família. O entrevistado 2 disse que “[...] é cultural reunir-se com amigos e família para conversar e beber o famoso vinho”.

Os hábitos, costumes e demais aspectos pesquisados e comprovados até então fazem parte de um acervo cultural que norteia a vida dos descendentes dos imigrantes italianos, atuando de forma intrínseca, compondo sua identidade de forma estrutural. A cultura italiana age sobre a personalidade desses indivíduos, atuando diretamente em diversos espaços de suas vidas, como o modo de ser, de se comportar e de ver o mundo, compondo a essência da pessoa. Na culinária, de forma que todos gostam e sempre preparam e consomem os alimentos típicos de seus antepassados no seu dia a dia; no trabalho, onde muitos ainda exercem as mesmas atividades que aprenderam com sua família e com os mesmos hábitos. Na religiosidade, uma grande característica dos imigrantes do século XIX e também da população de Alfredo Chaves dos dias atuais, como visto nas entrevistas. No lazer, com jogos que foram ensinados com o passar do tempo para os descendentes, e que continuam a praticá-los para se divertir.

De acordo com o entrevistado 3, o ato de rezar o terço, ir à igreja aos domingos, beber o vinho nas reuniões de família com os amigos e o artesanato que ele pratica são traços da cultura de seus antepassados e que pretende manter viva e passar para as próximas gerações, assim como foi passado a ele. O entrevistado 4 disse ainda que possui o hábito de pedir a bênção aos pais, pois assim foi ensinado pelos seus familiares. Por sua vez, o entrevistado 8 testemunhou ter aprendido com sua família o hábito de rezar o terço e de contar as histórias de vida de seus antepassados, da mesma forma como foram contadas a elas, com o intuito de nunca perder essa cultura.

Outra influência cultural italiana muito marcante em Alfredo Chaves diz respeito ao idioma italiano. Segundo relatos dos entrevistados, costuma-se fazer o uso de certas expressões do idioma ou de algum dialeto – como o vêneto – durante uma conversa, para se referir a algum objeto ou a alguém. O entrevistado 1 informa:

[...] tipo assim, o cara tá alando alguma coisa e eu falo assim: *esta fermo! Capisce? Esta fermo* é ficar quieto. [...] também falo sua *piquitita, tosato, tosata* [...] *cinquefradello*, cinco irmão. E *meu papa, lasu* [...] já foi, já foi embora. O *nonno* e a *nonna, lasu*. Já foi embora. Sou *solo*. Sozinho. Entendeu?

O entrevistado 3, quando perguntando se faz o uso dessas expressões, evidenciou a influência não só da língua, mas também do costume de blasfemar, algo que, segundo Bissoli (2005), era típico dos imigrantes.

Faz, faz. Faz bem um xingamento, né? É típico deles. [...] *Carcamano, porcapipa*... Faz mais essas coisas assim. [...] Vem falando *vino, formaggio*, um *salado*, um *salami* [...] Faz mais quando interage com alguém assim, que a gente vai brincando.

O hábito de xingar é muito comum entre os italianos e os seus descendentes. Segundo o entrevistado 2, “[...] às vezes você tá numa roda de amigos e a primeira coisa que eles te ensinam é xingar, falar palavrão em italiano”. Por sua vez, o entrevistado 7 relatou que: “[...] tem vez que a gente brinca com alguma coisa, usando algum termo italiano que a gente aprendeu com os mais antigos”.

O entrevistado 8 disse ser “fantástico” fazer o uso dessas expressões, isso porque é uma forma de manter a cultura viva e também de praticar o idioma italiano para não o deixar “cair no esquecimento”. Algumas pessoas declararam ter estudado a língua italiana, e muitos até já viajaram para a Itália, realizando intercâmbio cultural, em decorrência da influ-

ência que receberam da família e do gosto adquirido através da escuta de expressões e dialetos usados na comunidade, principalmente falados pelos mais antigos. O entrevistado 2, por exemplo, afirmou que foi “[...] a paixão pela Itália e pela cultura italiana” que o levou a realizar essas atividades. O entrevistado 6 reconheceu ter um sotaque italiano, e o tem com orgulho, pois segundo suas palavras, “[...] manter o sotaque é questão de identidade”. Além disso, atestou:

Eu falo o dialeto vêneta porque aprendi em família. [...] A gente só falava italiano. [...] Até o dia que eu fui pra escola pela primeira vez, eu só falava italiano, mas o dialeto, o dialeto vêneta. E a gente fala até hoje [...] E eu fiz cursos de italiano oficial pra poder diferenciar o dialeto do italiano oficial.

Essas características compõem o patrimônio cultural do município de Alfredo Chaves. A influência dos imigrantes italianos na vida dos seus descendentes é a forma pela qual estes vivem. É a lente através da qual veem o mundo. É aquilo que os faz ser quem são. É, em suma, a sua identidade. Dessa forma, com tanta importância em suas vidas, é natural que se faça meios de preservar a cultura e a memória dos imigrantes. Nos atentemos agora para as formas pelas quais os entrevistados celebram e revivem a cultura de seus antepassados.

A mais importante celebração da cultura italiana no município de Alfredo Chaves é a “*FestItalia*”, que conta com a exposição e demonstração de vários aspectos culturais. O entrevistado 2 relatou que essa festa tem suas origens num curso de italiano disponibilizado no município, cujos componentes criaram a Associação Avêneta, ou seja, “*todos do Vêneta*”, que é um grupo de ativistas que buscam preservar a cultura italiana através de eventos, festas e outras ações. Segundo seu relato, foi no seio dessa associação que surgiu a *FestItalia*, cuja primeira edição aconteceu em 2010.

A gente fez a festa da imigração italiana [...] A gente trabalhava com dança, com cultura, com culinária

[...] A gente movimentava o estado do Espírito Santo todo [...] Rolava **música italiana o tempo inteiro, e muito vinho e comida.** [...] **Montavam** a vinhocicleta, o minhocão, e o povo se vestia e ia pra rua. Aí nós fizemos o desfile de carros antigos, todo mundo se vestindo de italiano e ia pra rua (Entrevistado 2).

Segundo o entrevistado, a festa levou muita alegria para a população, manteve a cultura viva, além de fazer girar a economia do município. A festa acontecia em dois dias; na primeira parte, havia o desfile pelas ruas da cidade, com pessoas caracterizadas com trajes típicos e vários outros elementos. Em seguida, havia a festa em si, com muita música, comida e vinho. O entrevistado 6, que também faz parte da Associação Avêneta, atestou que dirigiu a *FestItalia* como presidente por onze anos, promovendo a preservação da cultura italiana na cidade e criando vários “brinquedos” para incrementar a celebração dos costumes dos imigrantes.

Criamos alambique pra fazer cachaça, um alambique móvel, criamos a *vinhocicleta*. Essa foi particularmente eu que construí. [...] A *vinhocicleta* é tipo um boteco né? Um boteco móvel. Ela é redonda, mas é um triciclo. Ficam oito pessoas [...] bebendo em volta numa mesa redonda, como uma mesa de bar, com um barril de vinho em cima. [...] Coloquei uma torneira pras pessoas se servirem, e eu botei um barril que girasse. Quem quisesse beber ia girando o barril pra encher a caneca dele de vinho. E aí cada passageiro desse, cada vinhociclista, cada um tinha um pedal, aí ia pedalando e andando pelas ruas. Só um desses, logicamente, tinha o volante, pra dirigir pra onde ela iria. [...] Ela tinha um som, ia tocando *tarantella* pela rua. [...] Tem também a *polentopéia*, né? A centopéia. [...] Ela tem um monte de engates. [...] Ela dava uns doze metros de comprimento. [...] A gente teve também o polenta-móvel, que era um fogão a lenha sobre rodas, aí ia fazendo polenta, andando no desfile e fazendo polenta. [...] quando chegava na frente do palco, virava a polenta, po-

lenta dura, pra cortar no barbante e depois fazer as demonstrações. [...] Outra coisa que a gente fez foi a casinha do *nonno*, uma casinha sobre rodas também, puxada por um carro antigo, e também fazia parte do desfile. A casinha era toda decorada [...] tinha fogão dentro, tinha tudo. Depois quando terminava o desfile ficava de exposição na *FestItalia* (Entrevistado 6).

Mais uma atração muito importante na festa são as bandas de música, com participações de escolas e de pessoas de outros estados, que eram convidadas a tocar na *FestItalia*, assim também como grupos de dança. O entrevistado 3 informou sobre a banda de música italiana que está presente em todas as edições da festa:

Nós temos uma banda chamada Banda Folclórica *Gioco di Mora*, que é específica sobre cultura italiana, que está fazendo 21 anos de banda e nós já rodamos praticamente o Brasil todo. [...] 50% do repertório são músicas folclóricas, centenárias, é marcha, valsa, tarantella, né? Músicas italianas que trouxeram da Itália e algumas composições feitas aqui no Brasil. E aí o restante a gente vai adaptando cada tipo de festa, aí a gente faz umas traduções do português pro italiano. [...] Mas o foco mesmo é a tradicional música italiana. A maioria do nosso foco é no italiano oficial, mas a gente canta algumas músicas em outros dialetos [...] napolitano, vêneta, trentino. **É uma coisa que a gente faz por gosto.**

O entrevistado 6 também falou sobre a sua atividade na música:

Eu fui fazendo um repertório voltado pra isso (músicas italianas) e às vezes até fazendo uma roupa com um pouquinho mais nova pra agradar os jovens, porque se eu fizesse a música muito original como ela era, então eu agradava os mais idosos só. Os jovens se afastavam. Aí eu passei a criar uma música, a mesma música, só que numa forma mais alegre,

mais festiva, porque às vezes a música italiana [...] é muito dolorosa, porque ela retrata muito o sofrimento da época, as fomes, as doenças, as guerras, o analfabetismo. [...] Foram 18 anos participando pelo Brasil afora levando essa tradição italiana, não só a música italiana, como também o tomo da polenta, [...] mostrando as tradições de Alfredo Chaves. [...] A música italiana aqui em Alfredo Chaves sempre foi muito forte. [...] Até nas escolas participamos bastante, podendo levar, fazer uma experiência com as crianças, elas dançavam, participavam, batiam palmas. [...] A gente sempre lutou pra não deixar esquecer essa parte (cultura italiana).

Os entrevistados 8 e 9 relataram que participaram da *FestItalia* na decoração, fazendo roupas caracterizadas da Itália para usarem durante os desfiles. Outros entrevistados narraram suas participações na *FestItalia*, como uma forma de homenagear seus antepassados e de não deixar que a história deles seja esquecida. O entrevistado 4 contou a sua participação conjunta com o entrevistado 5:

A nossa participação aqui na festa italiana, nós fomos o *nonno* e a *nonna* [...] nós vestimos o traje, participamos do desfile e fomos homenageados sendo a *nonna* e o *nonno*. [...] Participamos das danças também [...] fizemos o tomo da polenta, né? Isso tudo a gente participou. E o traje a gente tem até hoje.

Até nas entrevistas, pode-se perceber o grande empenho, entusiasmo e vontade de homenagear os imigrantes italianos, de celebrar a cultura italiana e de festejar seus costumes, com muita criatividade e dedicação, visto que esta cultura influencia diretamente na vida dos seus descendentes e, portanto, no cotidiano do município como um todo.

Entretanto, muitos entrevistados relataram dificuldades para manter a festa, o que ocasionou um hiato em suas edições. A última, até então, foi realizada em 2018. As razões para tal interrupção, segundo os entrevistados, são principalmente a fal-

ta de apoio e incentivo do poder público, de âmbito municipal e estadual, que pouco zela pela cultura, assim como acontece no Brasil todo. Também há o problema da falta de recursos, pois para um grupo de pessoas, que não conta com verba dos órgãos públicos, é muito difícil e custoso manter uma festa de tamanhas proporções.

Os entrevistados também falaram sobre o que sentem em relação aos seus antepassados imigrantes, o que evidenciou ainda mais a forte influência que a cultura dos italianos exerce sobre os seus descendentes e sobre o município de Alfredo Chaves, assim como seu imenso significado e importância em suas vidas. Todos relataram sentir muito orgulho pelos imigrantes, alegando a grande dificuldade que passaram para chegar ao Brasil e construir uma vida nova em meio a tantas incertezas e condições duríssimas. O entrevistado 1, ao ser perguntado sobre isso, disse:

Muito orgulho. Muito orgulho. Minha mãe, minha bisavó, meu pai, minha mãe, né? Deixaram muita riqueza pra gente [...] muito conhecimento. Eles sofriam muito. Imagina, minha bisavó, ela veio da Itália num porão de um navio com 7 anos. [...] Nós temos que agradecer ao italiano, meu bisavó, minha bisavó. [...] Estamos aqui graças a eles.

Já os entrevistados 8 e 9 disseram que os imigrantes sofreram muito e que devemos agradecer a eles. Segundo o entrevistado 8, “[...] tudo vem da vitória e da vontade que eles tiveram de enfrentar isso aí tudo”. O entrevistado 2 vê os imigrantes como heróis. Em suma, todos eles sentem orgulho, gratidão e admiração por seus antepassados.

Assim, percebe-se a enorme importância que a cultura italiana tem para seus descendentes. Os entrevistados disseram que ela compõe a sua identidade, a sua história, as suas raízes, a sua origem; é aquilo que os faz ser quem são. O entrevistado 3 disse que a cultura italiana “[...] é o berço da nossa vida, nossa origem. Eu me orgulho de pertencer à família

italiana”. Nota-se, assim, o quão forte é o sentimento de pertença e o orgulho de ser descendente de italiano dessas pessoas. Sentimento este que pode ser sintetizado na frase do entrevistado 2: “É de onde eu vim e pra onde eu quero um dia voltar”.

Considerações finais

O legado cultural dos imigrantes italianos na vida de seus descendentes em Alfredo Chaves está em todo lugar. Está em cada almoço em família aos domingos, em cada terço rezado, em cada polenta preparada e consumida, em cada conversa em voz alta e alegre, em cada partida de mora jogada, em cada música cantada e dançada ao longo dos mais de 140 anos que separam a chegada dos imigrantes ao município de Alfredo Chaves e a realização dessas entrevistas.

A cultura italiana forma a identidade cultural dessa parcela da população da cidade, compõe a história comum entre a grande maioria dos seus moradores, constitui a sua personalidade, integra aquilo que faz o indivíduo ser quem ele é, forma o sentimento de pertencer a um grupo de pessoas que fundaram a localidade em que os seus descendentes hoje vivem. Segundo os descendentes, tudo aquilo que existe na atualidade é fruto do trabalho e do sofrimento dos imigrantes. Dessa forma, é muito claro nos moradores o desejo de perpetuar essa história e essa cultura, a fim de celebrar a vida dos antepassados dos quais tanto se orgulham, e de levar adiante a cultura que os move.

Referências bibliográficas

- BISSOLI, Orestes. **Memórias de um imigrante italiano**. 2. ed. Vitória: Gráfica Lisboa, 2005. 136 p.
- CELIN, José Lázaro. Imigração italiana no Espírito Santo: aspectos históricos e sinais contemporâneos. **Revista GeoNordeste**, São Cristóvão, n. 3, p.56-75, jul./dez. 2019.
- COLBARI, Antonia. Familismo e Ética do Trabalho: o legado dos imigrantes italianos para a cultura brasileira. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 17, n. 34. 1997. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-01881997000200003>>. Acesso em: 2 out. 2020.

COMINOTTI, Katiúscia Sartori Silva. **O contato linguístico entre o vêneto e o português em São Bento de Urânia, Alfredo Chaves, ES: uma análise sócio-histórica**. 2015. 154 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

GASPARINI, Amílcar. **Os italianos**. Vitória: Grafitusa, 2003. 349 p.

NICOLI, Sandra. Em terras brasileiras: famílias de imigrantes italianos territorializam no Espírito Santo e reterritorializam em Minas Gerais. **Caderno de anais**, Governador Valadares, v. 14, p.224-236, 2016.

PERES, Edenize Ponzo. Aspectos da imigração italiana no Espírito Santo: a língua e cultura do Vêneto em Araguaia. **Dimensões**, Espírito Santo, v. 26, p.44-59, abr./maio. 2011.

PERES, Edenize Ponzo. Aspectos sócio-históricos do contato entre o dialeto vêneto e o português no Espírito Santo. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 8, n. 10.1, p.53-71, 2014.

SCHAYDER, José Pontes. **História do Espírito Santo: uma abordagem didática e atualizada – 1535-2002**. Campinas, São Paulo: Companhia da Escola, 2002. 171 p.

SEYFERTH, Giralda. As identidades dos imigrantes e o *meltingpot* nacional. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 6, n. 14, p. 143-176, nov. 2000.

SOUZA, Emilio Petri de. **Imigração italiana em Anchieta-ES: caracterização e contribuições para o desenvolvimento local**. 2014. 361 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

